

CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM EM MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

RIZZO, Joselma de Souza Mendes
jsmrprofessora@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem por finalidade apresentar, em linhas gerais, o diálogo realizado por Bakhtin com autores estudiosos da linguagem no que diz respeito às concepções de linguagem defendidas por eles, na obra *Marxismo e Filosofia da linguagem*, publicada em 1929-1930 em Leningrado e assinada por V. N. Volochínov. Neste livro, autor realiza uma reflexão sobre a filosofia da linguagem, analisando as concepções predominantes na época, explicitando as bases teóricas e propiciando reflexões sobre os aportes metodológicos que decorrem de cada uma delas, apontando assim, as implicações de sua utilização. O autor apresenta, ainda, a sua forma de entender/perceber a linguagem, explicitando a concepção de linguagem que para ele deve direcionar os estudos nessa área.

Palavras-chave: língua, linguagem, concepções de linguagem, gênero textual

INTRODUÇÃO

Mesmo tendo sido escrita em 1929, *Marxismo e filosofia da linguagem* revela-se uma obra muito atual, uma vez que traz à tona aspectos negligenciados nos estudos linguísticos e literários durante muito tempo.

O autor organiza as ideias sobre a linguagem em três grandes blocos aos quais ele chama de orientações: o subjetivismo individualista, o objetivismo abstrato e a concepção de linguagem como interação verbal.

Segundo Bakhtin (1992a), para a primeira orientação, o fundamento da língua é o ato de fala individual e sua fonte é o psiquismo individual. Nessa orientação, as “[...] leis da criação lingüística – sendo a língua uma evolução ininterrupta, uma criação contínua – são as leis da psicologia individual e são as que devem ser estudadas pelo lingüista e pelo filósofo da linguagem” (BAKHTIN, 1992a, p. 72). Sendo assim, a atitude do lingüista seria meramente classificatória, descritiva, uma vez que se limita “[...] simplesmente a preparar a explicação exaustiva do fato lingüístico como proveniente de um ato de criação individual, ou então servir a finalidades práticas de aquisição de uma língua dada” (p. 72).

As posições mais importantes dessa primeira orientação são sintetizadas por Bakhtin (1992a), em quatro proposições:

1. A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção ('energia') que se materializa sob a forma de atos individuais de fala.
2. As leis da criação lingüística são essencialmente as leis da psicologia individual.
3. A criação lingüística é uma criação significativa, análoga à criação artística.
4. A língua, enquanto produto acabado ('ergon'), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação lingüística, abstratamente construída pelos lingüistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usada (BAKHTIN, 1992a, p. 72).

Essas proposições, no entanto, não são suficientes, de acordo com Bakhtin (1992a), para expressar todas as ideias de Wilhelm Humboldt, o mais importante representante dessa orientação, pois do seu pensamento se originaram correntes completamente divergentes. Alguns de seus seguidores, como Steintahh, acreditam que o “[...] psiquismo individual constitui a fonte da língua, enquanto as leis do desenvolvimento lingüístico são leis psicológicas” (BAKHTIN, 1992a, p. 74). Para Wundt, segundo esse mesmo autor, “[...] todos os fatos da língua, sem exceção, prestam-se a uma explicação fundada na psicologia individual sobre uma base voluntarista” (BAKHTIN, 1992a, p. 74).

De acordo com Bakhtin (1992a), é a escola de Vossler que vai representar um avanço em relação às posições anteriores por rejeitar os métodos do positivismo e por reconhecer o componente ideológico do ato lingüístico. Em sua opinião, *[...] a negação categórica e de princípio do positivismo lingüístico que não consegue ver além das formas lingüísticas (em particular as fonéticas, as que são positivas) e do ato psicofisiológico que as engendra* (VOSSLER, apud BAKHTIN, 1992a, p. 75).

Dessa forma, é colocado em primeiro plano “[...] o componente ideológico do significante da língua”. Porém, para Vossler, de acordo com Bakhtin, “[...] o motor principal da criação é o ‘gosto lingüístico, variedade particular do gosto artístico” (BAKHTIN, 1992a, p.75).

Porém, tanto a escola de Vossler, como as diversas orientações originárias das ideias de Humboldt, filiadas ao subjetivismo individualista, não explicam, totalmente, o objeto de estudo da Linguística – a linguagem como fenômeno socioideológico. Segundo Bakhtin, essa primeira orientação do pensamento filosófico-lingüístico está ligada ao Romantismo, que foi uma “[...] reação contra a última reincidência do poder cultural da palavra estrangeira: as épocas do Renascimento e do Classicismo” (BAKHTIN, 1992a, p.110). Dessa forma, como os românticos, essa primeira orientação toma como ponto de partida a enunciação monológica nas suas investigações, mas não numa perspectiva de compreensão passiva e sim do ponto de vista da pessoa que se exprime.

Para essa primeira orientação, a enunciação monológica é um ato individual, uma expressão da consciência individual, entendendo expressão como uma “[...] categoria geral, de nível superior, que engloba o ato de fala, a enunciação” (BAKHTIN, 1992a, p. 111), que se

forma no psiquismo do indivíduo e exterioriza-se por meio de algum código do qual ele se apropria, o que caracteriza um “[...] dualismo entre o que é interior e o que é exterior, com primazia do conteúdo interior, já que o ato de objetivação procede do interior para o exterior” (BAKHTIN, 1992a, p. 111). O exterior é apenas o meio por intermédio do qual o interior se manifesta. Portanto, a concepção de língua que sustenta os trabalhos dos filósofos e linguistas filiados ao subjetivismo individualista apóia-se na enunciação monológica, que encontra, na expressão, o seu meio de exteriorização, subjugando-a ao papel de transmissão do que é produzido no psiquismo individual.

Para Bakhtin (1992), essa concepção é totalmente falsa, uma vez que tanto o conteúdo interior quanto sua objetivação são criados a partir de um mesmo material, a expressão semiótica de natureza social, não existindo, assim, essa distinção entre ambos, pois um não existe sem o outro. Além disso, “[...] não é a atividade mental que organiza a expressão, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação” (BAKHTIN, 1992a, p. 112). Nesse sentido, é o exterior, o meio social, que modela a atividade mental, pois ela está sempre orientada para um auditório social bem definido. É a expressão que vai estruturá-la e torná-la mais estável.

Assim, segundo o autor, o subjetivismo individualista comete um primeiro equívoco ao desconsiderar a natureza social da enunciação e ao considerá-la expressão do mundo interior do locutor, pois tanto sua estrutura quanto a atividade mental a ser expressa por ela são de natureza social. Comete outro equívoco, ainda, pois, mesmo considerando o aspecto ideológico da língua, afirma que esse “[...] conteúdo ideológico pode ser deduzido das condições do psiquismo individual” (BAKHTIN, 1992a, p. 122).

A segunda orientação do pensamento filosófico linguístico a que se refere Bakhtin é o objetivismo abstrato. Essa orientação teve suas origens no racionalismo dos Séculos XVII e XVIII, de onde vêm as ideias filiadas ao cartesianismo, segundo as quais o que interessa ao linguista é a lógica interna do sistema de signos. Nesse sentido, a língua é vista como um sistema fechado que não se vincula a qualquer significação ideológica.

Para o objetivismo abstrato, “[...] o centro organizador dos fatos da língua, o que faz dela objeto de uma ciência bem definida situa-se no sistema linguístico: o sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua” (BAKHTIN, 1992a, p. 77). São esses traços que asseguram, de acordo com essa orientação, a unicidade da língua e sua compreensão por todos os falantes de uma mesma comunidade.

Destacando a regularidade desses fatos, como o que garante o funcionamento de uma língua, essa orientação descarta toda possibilidade de criação individual. Dessa forma, “[...] a língua opõe-se ao indivíduo enquanto norma indestrutível, peremptória, que o indivíduo só pode aceitar como tal” (BAKHTIN, 1992, p. 78). Assim, o sistema linguístico tem que ser acatado pelo indivíduo como é. O que está de acordo com esse sistema é aceito e o que não está de acordo é considerado errado. O que faz com que as leis linguísticas adquiram um caráter arbitrário, uma vez que não existe correspondência real “[...] entre a face fonética da palavra e o seu sentido” (BAKHTIN, 1992a, p. 79).

Outro aspecto relevante, nessa segunda orientação, é o que decorre da afirmação de que a língua é um sistema fechado, imutável. Para o objetivismo abstrato, não há relação entre o aspecto sincrônico e o diacrônico da língua, não pode haver nada em comum entre a lógica do sistema de formas linguísticas e a evolução histórica dessas formas, uma vez que, sendo um sistema fechado, qualquer alteração em seus elementos criaria um novo sistema. Portanto, para essa orientação,

A lógica da história da língua é a lógica dos erros individuais ou dos desvios [...]. Assim, entre a lógica da língua, como sistema de formas e a lógica de sua evolução histórica, não há nenhum vínculo, nada de comum. As duas esferas são regidas por leis completamente diferentes, por fatores heterogêneos (BAKHTIN, 1992a, p. 81).

As principais proposições do objetivismo abstrato são resumidas por Bakhtin da seguinte forma:

- 1- A língua é um sistema estável, imutável, de formas linguísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e peremptória para esta.
- 2- As leis da língua são essencialmente leis linguísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos linguísticos no interior de um sistema fechado. Estas leis são objetivas relativamente a toda consciência subjetiva.
- 3- As ligações linguísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos (artísticos, cognitivos ou outros). Não se encontra, na base dos fatos linguísticos, nenhum motor ideológico. Entre a palavra e seu sentido não existe vínculo natural e compreensível para a consciência, nem vínculo artístico.
- 4- Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua, simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas. Mas são justamente estes atos individuais de fala que explicam a mudança histórica das formas da língua: enquanto tal, a mudança é, do ponto de vista do sistema, irracional e mesmo desprovida de sentido. Entre o sistema da língua e sua história não existe nem vínculo nem afinidade de motivos. Eles são estranhos entre si (BAKHTIN, 1992a, p. 82-83).

Entre os representantes dessa orientação filosófico-linguística, o de maior destaque, por ser o articulador de seus fundamentos, é Ferdinand de Saussure. Suas proposições coincidem com o exposto anteriormente, mas não se esgotam aí. Saussure estabelece,

também, uma distinção entre linguagem e língua. Para ele, a linguagem refere-se a todo tipo de manifestação linguística, ela “[...] é multiforme e heteróclita, participando de diversos domínios [...] pertencendo ao domínio individual e ao social” (SAUSSURE, apud BAKHTIN, 1992a, p. 86).

Por isso, para Saussure, a linguagem não pode ser o objeto da linguística. Ela não é passível de classificação. Acredita que só a língua, como uma das manifestações da linguagem, é passível de classificação. Segundo ele, o caminho metodológico para alcançar o objeto de estudo da linguística é ***instalar-se no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as demais manifestações da linguagem [...] [pois] só a língua parece suscetível de uma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito*** (SAUSSURE, apud BAKHTIN, 1992a, p. 85, grifos do autor).

Saussure estabelece, também, uma distinção entre língua e fala, afirmando que a língua é social e a fala, uma manifestação individual e, como tal, também não é passível de classificação, pois, para ele, ela é a utilização do código lingüístico para a expressão do pensamento. Assim, ele afirma que *a fala é [...] um ato individual de vontade e de inteligência no interior do qual convém distinguir as combinações pelas quais o sujeito falante utiliza o código da língua para exprimir seu pensamento pessoal e o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar estas combinações* (SAUSSURE, apud BAKHTIN, 1992a, p. 87).

No entanto, é no quadro diacrônico que a fala ganha seu espaço. A língua, como sistema de formas estáveis, não pode garantir sua evolução. É a fala que o faz, por ser *individual e acidental*.

Outros representantes dessa segunda orientação são os neogramáticos que, principalmente, na segunda metade do Século XIX, difundiram suas ideias. Para eles, o aspecto mais importante de toda a teoria do objetivismo abstrato é o aspecto fisiológico. O indivíduo é, portanto, um ser essencialmente fisiológico.

INTERAÇÃO VERBAL, TEXTO E GÊNEROS TEXTUAIS

Ao criticar e questionar as concepções teóricas do subjetivismo individualista e do objetivismo abstrato, Bakhtin abre campo para outros posicionamentos. Assim, apresenta sua própria concepção do que é o objeto da linguística e traça o caminho metodológico para compreender esse objeto. Ao fazer esse percurso, ele reflete sobre várias categorias indispensáveis à compreensão de sua perspectiva.

Bakhtin é totalmente contrário às afirmações do objetivismo abstrato com relação à língua e à fala. Se, para essa corrente, a língua é um fenômeno social, a fala é individual e o objeto de estudo da linguística é a língua; para Bakhtin, a *enunciação*, como produto dos atos de fala, é o ponto de partida para a reflexão sobre a linguagem. Segundo o autor, a afirmação de que a língua é um sistema de normas imutáveis, externo à consciência individual, do qual o falante apenas faz uso, só pode ser considerada como realidade se levarmos em conta a consciência individual, num determinado e curto espaço de tempo, pois, ao contrário, o que percebemos é a evolução ininterrupta da língua. Para ele, “[...] o sistema sincrônico da língua só existe do ponto de vista da consciência subjetiva do locutor de uma dada comunidade linguística, num dado momento da história” (BAKHTIN, 1992a, p. 91).

Ao questionar como a língua se apresenta para a consciência subjetiva do locutor, no objetivismo abstrato, Bakhtin (1992a) refuta novamente a ideia de língua como sistema de formas imutáveis, pois, para ele, esse sistema é uma abstração, uma construção com propósitos claros. Para o locutor, no momento da enunciação, não está presente a preocupação de estar refletindo sobre o sistema linguístico, mas sim a de orientar sua fala de acordo com o contexto em que está inserido. De acordo com o autor,

O que importa não é o aspecto da forma lingüística [...] o que importa é aquilo que permite que a forma lingüística figure num determinado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada.
Para o locutor, a forma lingüística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável e flexível (BAKHTIN, 1992a, p. 92).

Nesse sentido, o que importa, segundo o autor, não é a identificação do sinal, mas a compreensão do signo e de sua utilização em cada situação, tendo em vista que o sinal não é passível de decodificação, uma vez que não é capaz de refletir nem refratar nada, “[...] é uma entidade de conteúdo imutável” (BAKHTIN, 1992a, p. 93), só o signo o é, como uma entidade variável e flexível, portador de uma mobilidade particular. Assim, o sinal, apesar de ser uma realidade linguística, não pode ser tomado como constituinte da língua, pois ele “[...] é dialeticamente deslocado, absorvido pela nova qualidade do signo (isto é, da língua como tal)” (BAKHTIN, 1992a, p. 94).

Desse modo, para Bakhtin, a língua é uma realidade viva, mutável e inseparável de seu conteúdo ideológico, portanto não pode ser analisada, unicamente, a partir de componentes abstratos, deslocados dos atos de fala, das enunciações.

Assim, ao se contrapor à categoria da expressão, como entendida pelo subjetivismo individualista, Bakhtin (1992a) apresenta o que para ele é a categoria fundamental da sua concepção de linguagem: a interação verbal. Para o autor, são as condições sociais de produção de um enunciado que lhe determinam a forma e o conteúdo, pois toda palavra é orientada para um interlocutor e é a imagem que o locutor faz desse interlocutor que orienta seu discurso. A figura desse interlocutor, no entanto, é moldada de acordo com contornos sociais, por isso, segundo ele, [...] é preciso supor além disso um certo **horizonte social** definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito (BAKHTIN, 1992a, p. 112, grifos do autor).

A palavra, nesse contexto, é o elo entre locutor e interlocutor. Por meio dela se dá a interação entre ambos. No entanto, ela não é propriedade de nenhum deles, pois é uma construção social. Sua realização “[...] na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais” (BAKHTIN, 1992a, p.113). Assim, a estrutura da enunciação é totalmente determinada por pressões sociais. É a imagem que o locutor tem de seu interlocutor que moldará a estrutura da enunciação. Para Bakhtin (1992a), qualquer que seja a enunciação, é totalmente dirigida e determinada “[...] pelos participantes do ato de fala, explícitos ou implícitos, em ligação com uma situação bem precisa; a situação dá forma à enunciação” (BAKHTIN, 1992a, p. 113).

Para Bakhtin, o ato de fala, a enunciação, não pode ser meramente a expressão da consciência individual, pois essa consciência não existiria sem a expressão. Segundo ele, qualquer tomada de consciência é já um ato ideológico, uma vez que “[...] toda tomada de consciência implica discurso interior, entoação interior e estilo interior, ainda que rudimentares” (BAKHTIN, 1992a, p. 114). No entanto, para o autor, é preciso também diferenciar graus na consciência que será orientada em função do auditório social. Em seu entender, há dois pólos entre os quais oscila a atividade mental. Ele os chama de *atividade mental do eu* e *atividade mental do nós*, que geram formas de enunciação correspondentes.

Assim, a consciência individual não pode ser entendida fora do contexto social, pois “[...] a atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior um território social” (BAKHTIN, 1992a, p. 117). Desse modo, afirma que a consciência, fora de sua realização num material concreto, é uma ficção, pois “[...] enquanto expressão material estruturada [...] a consciência constitui um fato objetivo e uma força social imensa” (BAKHTIN, 1992a, p. 118), capaz de reestruturar a vida interior do sujeito, num movimento constante de reelaboração, o que significa dizer que “[...] não é a expressão que se adapta ao nosso mundo

interior, mas o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis” (BAKHTIN, 1992a, p. 118).

Nesse sentido, o autor considera totalmente equivocada a concepção de expressão tal qual descrita pelo subjetivismo individualista, pois o centro organizador de toda expressão está situado no meio social, no sentido de que todo ato enunciativo é organizado para atender a pressões sociais, procura atender à situação imediata, sendo, assim, “[...]um puro produto da interação social” (BAKHTIN, 1992a, p. 121).

Para Bakhtin (1992a), portanto, a substância da língua é constituída pela interação verbal, um fenômeno social que se realiza por meio de enunciações e só pode ser explicado em relação com a situação concreta de produção. Em decorrência disso, para ele, a ordem metodológica para o estudo da língua, segundo a qual ela evolui, deve ser a seguinte:

- 1- As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
- 2- As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem elementos, isto é, as categorias dos atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
- 3- A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual (BAKHTIN, 1992, p. 124).

Assim, para o autor, a análise da língua deve partir da análise das enunciações como um todo, pois “[...] as unidades reais da cadeia verbal são as enunciações” (BAKHTIN, 1992a, p. 125). Suas proposições a respeito da verdadeira natureza da língua, como objeto de estudo lingüístico, são:

- 1 - A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma abstração científica que só pode servir a certos fins teóricos e práticos particulares. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da realidade concreta da língua.
- 2 - A língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores.
- 3 - As leis da evolução lingüística não são as da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. São leis essencialmente sociológicas.
- 4 - A criatividade da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas não pode ser compreendida *independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam*.
- 5 - *A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual é uma contradição in adjecto* (BAKHTIN, 1992a, p. 127).

Dessa forma, Bakhtin confirma o caráter socioideológico da linguagem, ao afirmar a natureza social da língua, como produto das enunciações ocorridas entre locutor e interlocutor, e a interação verbal, como produto dessas enunciações.

O sujeito, para a concepção sócio-histórica da linguagem, difere-se do sujeito relacionado com a concepção de língua como representação do pensamento (o subjetivismo idealista), em que o sujeito é visto como dono de suas ações; e difere-se também do sujeito relacionado com a teoria estruturalista (objetivismo abstrato), em que o sujeito é determinado, assujeitado pelo sistema (KOCH, 2003). Para a concepção sócio-histórica da linguagem, o sujeito é aquele que produz, mediante sua relação com o outro. Essa relação/interação se dá por meio de enunciações que se traduzem em diferentes formas de organização textual.

Assim, as relações sociais se configuram em diferentes tipos de textos, portanto o texto é um produto social. Surge para atender a necessidades do dia-a-dia, a necessidade de comunicação e assume diferentes formas conforme a exigência da situação de produção. Produzem-se textos literários, jurídicos, provérbios, textos para distrair, ensinar, convencer etc. A essas diferentes formas que podem assumir os textos, Bakhtin (1992b) chama de gêneros textuais. Para ele, a utilização da língua em diferentes esferas de comunicação define inúmeros e diferenciados gêneros textuais. Segundo o autor, [...] qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis, de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1992b, p. 279).

Para Bakhtin, portanto, não importa “[...] minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso”, uma vez que diferentes situações de comunicação requerem novos gêneros. Basta, segundo ele, estabelecer o que chama de “[...] a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo)” (BAKHTIN, 1992b, p. 281). O gênero do discurso primário seria aquele que “[...] tem relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios” (BAKHTIN, 1992b, p. 281), sendo, assim, colado à situação de produção. O gênero do discurso secundário, seria, ao contrário, descolado da situação de produção. Aparece “[...] em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída” (BAKHTIN, 1992b, p.281).

CONSIDERAÇÕES

É importante a contribuição de Bakhtin para pensar os fenômenos da linguagem. A partir do diálogo realizado por ele com estudiosos como Humboldt e Saussure no que diz

respeito às concepções de linguagem defendidas por eles, Bakhtin analisa, discute, contrapõe e propõe a sua forma de entender a linguagem, bem como reflexões sobre os aportes metodológicos que decorrem de cada uma delas, apontando assim, as implicações de sua utilização.

As reflexões feitas por ele influenciaram e ainda influenciam os estudos na área da linguagem, mas é importante destacar e revisitar os conceitos construídos pelo autor para que eles não sejam utilizados de maneira descontextualizada, ou em contextos outros, que façam vazios ou tenham alterados seus sentidos, mas sim para que sejam possibilidade de novas reflexões.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992a.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992b.